

# A CENA DO RAP EM RORAIMA: UMA PROPOSTA DE CARTOGRAFIA DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA URBANA

## The rap scene in Roraima: a proposal for the cartography of urban artistic production

*Edgar Jesus Figueira Borges*

*Leila Adriana Baptaglin*

Universidade Federal de Roraima – UFRR

**Resumo:** Esta investigação objetivou cartografar a cena do Rap em Roraima entre os anos de 2018 e 2019, dando destaque para a produção artística local, a partir de intervenções migratórias, elemento palpável em um estado fronteiriço. Para a investigação pautamo-nos nas contribuições teóricas de Deleuze e Guattari (1996), Mazer (2017), Xavier (2012), autores que nos auxiliaram na compreensão metodológica da investigação e na construção teórico-prática da cena do Rap. Destacamos, com os dados da pesquisa, que a cena do Rap em Roraima é constituída de sujeitos múltiplos que mobilizam suas produções artísticas calcados no contexto sócio, político, econômico e cultural de um estado fronteiriço ao norte do Brasil.

**Palavras-chave:** Rap; Cartografia; Roraima.

**Abstract:** This investigation aimed to map the Rap scene in Roraima between the years 2018 and 2019, highlighting the local artistic production, based on migratory interventions, a tangible element in a border state. For the investigation we are guided by the theoretical contributions of Deleuze and Guattari (1996), Mazer (2017), Xavier (2012), authors who helped us in the methodological understanding of the investigation and in the theoretical-practical construction of the Rap scene. We highlight, with the research data, that the Rap scene in Roraima is made up of multiple subjects who mobilize their artistic productions based on the socio, political, economic and cultural context of a border state in the north of Brazil.

**Keywords:** Rap; Cartography; Roraima.

## Introdução

Este artigo apresenta os resultados de um processo de cartografar a cena do Rap em Roraima entre os anos de 2018 e 2019. A pesquisa integra os resultados de uma dissertação que analisou a produção artística do MC Frank D’Cristo, um dos mais antigos rappers em atividade no Estado. Como parte da pesquisa e procurando contextualizar esta movimentação cultural, decidimos investigar como é composta a cena do Rap, apresentando dados da produção em Roraima, Norte brasileiro.

Para a constituição da proposta, buscamos trabalhar o método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari (1996), observando e dando visibilidade aos diferentes elementos/sujeitos/objetos que pudessem trazer informações para a nossa investigação. Estes elementos que passaram a fazer parte da cartografia nos possibilitaram acompanhar os movimentos de composição e decomposição dos territórios imagéticos, musicais e conceituais na paisagem urbana boa-vistense. Segundo Silva (2008, p. 03),

A cidade passa a ser abordada como um espaço de comunicação, de produção de “mensagens” que marcam muros, portões, fachadas, postes, ruas; e/ou como lugar instituidor de trajetos; e/ou, como um lugar de muitos ruídos, espaço polifônico; e/ou, como um conjunto de citações que dizem dos habitantes da cidade.

Assim, a constituição de cartografias urbanas compostas pelo conjunto musical e conceitual das produções artísticas realizadas nas ruas de Roraima instiga o leitor adentrar na complexidade investigativa aqui apresentada.

Com o objetivo de cartografar a cena do Rap em Roraima entre os anos de 2018 e 2019, nos guiamos pela seguinte pergunta: Qual é a composição da cena do Rap em Roraima entre os anos de 2018 e 2019? Para isso, elaboramos ainda algumas perguntas no sentido de direcionarmos a pesquisa para nosso objetivo, são elas: quem movimentava a cena do Rap em Roraima? Quantos rappers estavam na ativa, produzindo músicas e apresentando-se nos palcos de shows e das batalhas? Onde e como divulgavam suas gravações?

Na construção da proposta, destacamos que a cena investigada pauta-se na estruturação feita por Mazer (2017, p. 82), quando nos coloca que “[...] cenas são um tipo de contexto cultural urbano que organizam práticas de codificação espacial, através de circuitos, redes, pontos de contato”. Estas cenas do Rap configuram-se pela ocupação e criação de espaços de divulgação na mídia tradicional, em blogs e redes sociais, produção fonográfica constante, além de eventos e outras situações nas quais os integrantes podem intercambiar ideais e aprimorar-se enquanto agentes culturais.

Assim, esta investigação proporciona o olhar para a produção artística e a reflexão acerca das intervenções migratórias, desencadeando um elemento palpável que é o conhecimento, a aproximação e a valorização do outro, do migrante enquanto sujeito produtor de arte em uma construção territorial. Entendemos a musicalidade aqui como sendo “memória musical-cultural compartilhada constituída por um conjunto profundamente imbricado de elementos musicais e significações associadas (PIEADDE, 2011, p. 104). Neste sentido, nada mais relevante que buscarmos trabalhar a constituição da produção artística musical do Rap em um contexto fronteiro como Roraima.

Cabe assim destacarmos que as construções destes territórios fronteiriços são exemplos fortes de disputas de poder que passam a ser expressos na cultura local. O conceito de território funde-se à conceituação geográfica de “pedaço de terra”, mas adentra na conotação de “relações de poder”, assim

O território tem uma ocupação, e essa revela intencionalidades: a favor de que e contra que se posiciona. Nessa perspectiva, não há territórios neutros. A ocupação de um território se dá no confronto entre forças. Ao ocuparmos os lugares, estamos fazendo escolhas que preencherão os espaços e os transformarão em territórios. A escolha de uma dimensão anula a condição da outra se estabelecer. Mesmo assumindo a possibilidade da contradição e da dialética, as forças em tensão revelam predomínios que sinalizam disputas de poder. (CUNHA, 2008, p. 185)

É nessa especificidade da constituição artístico-cultural do território fronteiro do Norte brasileiro que buscaremos trazer elementos para o processo cartográfico da cena do Rap em Roraima.

## A respeito da constituição histórica do Rap

O Rap é uma manifestação cultural urbana surgida no final dos anos 1970, nos bairros pobres de Nova York (EUA). A palavra traz dois significados inseridos em sua origem: Rhythm And Poetry. Ou Ritmo e Poesia, em bom português. É a parte musical da cultura Hip hop, que é formada pelo Grafite (Arte Visual), o Break (a Dança) e a participação de DJs e MCs. Suas raízes podem ser encontradas na efervescência política e cultural pela qual passava os Estados Unidos nos anos 1960. O Soul e o Funk, o pós-guerra do Vietnã e as dificuldades econômicas de boa parte da população negra estão na origem do que viria ser denominado como Hip hop nos anos 1970 pelo ativista cultural apelidado Afrika Bambaataa. Radicado no Bronx, bairro de Nova York, Bambaataa criou a expressão Hip hop, tendo como significado “balançar o corpo” (XAVIER, 2012).

Nos primórdios do Rap, as músicas eram produzidas para fazer o público dançar. Depois, veio a temática política, com críticas sociais inseridas nos textos das músicas. Descrevendo o contexto social e econômico em que o Hip hop se estabelece no Brasil, Schröder (2009) aponta que, no Rio de Janeiro, a base de tudo está na entrada do Funk e do Soul nas casas de show de bairros pobres do Rio de Janeiro, resultando no surgimento dos primeiros nomes nacionais de funk, como Tim Maia e Tony Tornado. No Rio de Janeiro, o canto falado ganha inicialmente a denominação de Funk balanço ou Funk pesado. A sonoridade vinda dos Estados Unidos recebe sabor local, com acréscimo da sonoridade de matriz africana, como o samba, batidas religiosas do candomblé e Ilê Aiê.

Com essa mistura dos modos de expressão e com sua orientação aos precursores do funk, o rap do Rio de Janeiro começa a se diferenciar daquele de São Paulo, que recorre cada vez mais ao mito de origem do Hip hop como um movimento político e engajado. Isso resulta em dois desenvolvimentos opostos, nos quais a variante do Rio estabelece um novo estilo musical, que se chama Rio Funk, semelhante ao estilo norte-americano Miami bass. (SCHRÖDER, 2009, p. 69)

Mazer (2017) reforça que o Rap e sua ligação ao grafite, às batalhas de Rap e ao Break dance ajudam a configurar a cultura do Hip hop. Cultura esta que, por mais global

que seja, ainda permanece fortemente conectada às periferias urbanas e aos seus moradores.

Ainda que hoje seja possível consumir rap em qualquer rádio, loja de discos (incluindo o acesso por *streaming* e compras pela internet), agenda de shows de diferentes países, mostrando a marca do gênero no *mainstream* e as vantagens de explorá-lo para a indústria musical, as práticas urbanas em torno dele ainda se dão de modo muito vinculados à classe social e outros marcadores sociais desde suas origens. Isso porque, apesar de global, o rap é ainda muito praticado e vinculado às periferias das cidades. (MAZER, 2017, p. 83)

É nessa construção territorial que a cena do Rap se estrutura, apresentando elementos que articulam a mobilização dos coletivos na criação e intensificação da divulgação nas mídias, nas redes sociais, em eventos e em outras tantas ramificações que passam a ser mobilizadas. Contudo, para que possamos entender a cena, precisamos entender um pouco da constituição histórica de Roraima.

### **Roraima: Extremo norte fronteiro**

Antes de passarmos a desenrolar a proposta investigativa, cabe contextualizar Boa Vista/RR, a única capital brasileira totalmente situada no hemisfério Norte. Entre 1991 e 2016, a população foi de 144 mil para mais de 326 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016). Essas milhares de pessoas que vieram morar em Roraima, de todas as regiões do Brasil e do mundo, trouxeram um pouco da cultura de outros lugares para o Estado. Impulsionados pelo garimpo, pela agricultura, por uma nova vida, esses migrantes vieram para Roraima e passaram a construir o cenário local.

Boa parte dessa migração, desde a época das primeiras levas colonizadoras, foi de migrantes nordestinos, tendo acontecido a última grande onda do Nordeste nos anos 1990, durante a gestão de Ottomar Pinto, primeiro governador eleito de Roraima. Neste contexto sociodemográfico, o forró e outros gêneros musicais do Nordeste sempre foram muito tocados nas rádios de Boa

Vista/RR. É na capital que também se realizam as duas maiores festas institucionais promovidas pelos poderes públicos do Estado: o Boa Vista Junina, organizada pela Prefeitura de Boa Vista, e o Arraial do Anauá, de responsabilidade do Governo Estadual<sup>1</sup>. É nesse cenário de extrema valorização da cultura nordestina que surgiu entre a população essa ideia da “cultura do forró” como sendo a mais destacada, a mais valorizada. A migração, no entanto, trouxe outras influências:

Com a chegada de nordestinos e outros brasileiros à região, a cultura roraimense foi se mesclando. A tradição menos modificada pela migração e miscigenação dos povos foi o artesanato indígena, que se tornou um traço de resistência. A cultura roraimense é, portanto, básica e predominantemente indígena e nordestina. No entanto, núcleos culturais diversificados podem ser identificados a partir de linguagens artísticas e espaços culturais, como a forte tradição gaúcha, a existência de eventos religiosos, como o Círio de Nazaré; além de uma inserção de qualidade em algumas linguagens, como a Música Popular Brasileira (MPB), rock nacional, produções audiovisuais, entre outros. A maior concentração dessa diversidade está nas atividades relacionadas à música. Há também iniciativas individuais e coletivas, refletindo em outras linguagens, como, por exemplo, a dança. Nesse complexo de contribuições, a cultura de Roraima apresenta características bem peculiares, visto que foi formada pela migração de vários povos, em vários momentos, contribuindo de maneira pujante para o crescimento populacional do estado. (NASCIMENTO; SILVA; NASCIMENTO, 2016, p. 217)

Nos últimos anos, principalmente a partir de 2016, uma nova leva migratória, desta vez formada por estrangeiros, foi registrada no Estado: afetados pela crise econômica e social que o seu país enfrenta, centenas de venezuelanos escolheram vir morar em Roraima, modificando a paisagem sociocultural do Estado<sup>2</sup>. Esta situação faz parte de uma conjuntura estrutural vivenciada pelos sujeitos latino-americanos que, na intensificação da crise alicerçada por pressupostos políticos e

---

<sup>1</sup> Em 2019, o Boa Vista Junina chegou à 19ª edição. Já o Arraial do Anauá completou 29 edições, uma para cada ano de existência formal do Estado de Roraima.

<sup>2</sup> Em fevereiro de 2019, de acordo com a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM), o número de refugiados e migrantes da Venezuela chegava a 3,4 milhões de pessoas ao redor do mundo. Desse total, 1,1 milhão estava na Colômbia; 506 mil no Peru; 288 mil no Chile; 221 mil no Equador; 130 mil na Argentina e 96 mil em diversas cidades do Brasil (Fonte: <https://www.acnur.org/portugues/2019/02/25/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-no-mundo-atinge-34-milhoes/>. Acesso 05 Jun. 2019).

econômicos, migram na busca de melhores condições de vida. A crise, nesse contexto, configura-se em uma estratégia perversa, de ataques constantes, em que são potencializadas situações primárias de sobrevivência. Essa construção de uma guerra econômica afeta fortemente as questões éticas onde iniciam-se as lutas pela sobrevivência e, conseqüentemente a desmobilização, tendo em vista que a busca pelos elementos básicos de sobrevivência passam a ser a primeira preocupação.

Em Boa Vista, a construção deste cenário fez com que parte dos “miras”, “venecas/cos”, “muchachos/as”<sup>3</sup> integrasse-se à cena artística e cultural, formando coletivos de artes visuais, agregando-se a outros grupos ou coletivos já existentes, ocupando espaços na cena do Rap e participando de eventos culturais como convidados e produtores.

A construção da identidade cultural do Estado de Roraima é um processo que resulta e é afetado pelas imigrações e emigrações acontecidas na região. Esse vai e vem constante de pessoas resulta em “uma identidade que se inventa a partir do encontro e do convívio entre as várias culturas que por aqui passam, ou ficam” (BAPTAGLIN, 2018, p. 162). Com o crescimento demográfico, as manifestações ligadas ao Hip hop ganharam força e se expandiram entre os moradores não só de Boa Vista, mas também de outros municípios de Roraima. Surgiram cantores solo e grupos de Rap, além de coletivos ligados a esta manifestação e a inclusão destes artistas em atividades desenvolvidas por entidades e instituições de diversas áreas de atuação, como escolas, o Tribunal de Contas do Estado de Roraima, e a Universidade Federal de Roraima. Esta última é responsável pelo Grafita Roraima, ação anual de extensão que promove discussões e intervenções artísticas tendo o grafite como foco, mas que também abre espaço para as representações da musicalidade local.

O primeiro CD de Rap gravado em Roraima data de 2011. Do grupo Gang do Rap, o disco foi intitulado GDR. As faixas e alguns clipes produzidos para

---

<sup>3</sup> Termos com que a população roraimense identifica os venezuelanos – e quase todo estrangeiro vindo de país onde se fale espanhol, pelo menos até identificarem sua real origem. Sua aplicação pode variar (e ser entendida pelos migrantes) do uso amistoso ao preconceituoso, conforme o contexto. “Mira” é um termo de uso rotineiro nas conversas na Venezuela, e a tradução literal é “olha”. “Veneca” ou “veneco” é usado não só em Roraima mas também em vários países como se fosse o equivalente ao gentílico “venezuelano”, o que não é verdadeiro. “Muchacho” e “muchacha” equivalem a “menino/rapaz” e “menina/moça”.

divulgar o disco podem ser encontrados em sites de música e no Youtube. Um dos integrantes da Gang do Rap era o rapper MC Frank (em 2018, viria a mudar seu nome artístico, acrescentando-lhe D’Cristo, uma referência a sua identidade religiosa, assumida nesse ano). Em entrevista, o artista conta que teve contato com o gênero musical Rap na adolescência e que, ao entrar em um projeto social municipal denominado Crescer, foi estimulado a produzir músicas no gênero. Isso aconteceu, de acordo com seu relato, no começo dos anos 2000. Com outros jovens do projeto, chegou a apresentar-se em eventos locais e em outros estados.

Podemos então, a partir do relato do MC Frank D’Cristo, traçar uma linha temporal sobre o Rap em Roraima: nos anos 1990, década em que o gênero começou a ganhar espaço nas rádios, já havia ouvintes de Rap em Roraima. Nos anos 2000, a partir de um projeto social, registram-se as primeiras intervenções artísticas dos rappers locais. Ao chegar na década de 2010, é gravado o primeiro CD do gênero no Estado e dezenas de rappers de Roraima começam a compartilhar seus vídeos e músicas diretamente na Web ou em grupo de Whastapp, dispensando o suporte físico para as produções. É também na década de 2010 que se amplia o acesso à internet no Brasil. Em 2018, já havia internet em 79,1% dos domicílios do país e o celular era o equipamento mais usado para conectar-se. Além da conexão com banda larga, o acesso com o uso de 3G e 4G vem registrando aumento a cada ano (IBGE, 2020). Essa ampliação do uso da internet e o crescimento das redes sociais, aplicativos de conversas e plataformas de streaming de vídeos e músicas trouxeram mudanças às formas de produzir, divulgar e consumir música no Brasil e, especificamente, em Roraima.

Esta linha temporal nos mostra claramente a tímida inserção do Rap no contexto Roraimense, cena que em outros também foi visualizada, mas que já se encontra em outro patamar de criação, disseminação e consumo. Embora já se percebe uma trajetória e a crescente presença de artistas atuando, ainda falta essa mobilização da cena que, pelo histórico, começa a se intensificar com o acesso à internet.

## Os (des)caminhos investigativos

Como proposta investigativa que compactuasse com as fronteiras e com os híbridos presentes na produção artística do Rap em Roraima, buscamos trabalhar com os preceitos da cartografia. Desenvolvida por Gilles Deleuze em sua parceria com Félix Guattari, a cartografia olha para o objeto a ser cartografado como um elemento fluído, como algo que se estende sobre a superfície, sobre os territórios e mistura-se a eles de forma a constituir-se em diferentes formas de existir (DELEUZE, 2006).

Segundo Oliveira e Paraiso (2012, p. 165), “o que temos são processos de (des)territorialização, que se fazem nas conexões entre fluxos heterogêneos, dos quais qualquer objeto e seus contornos são apenas uma resultante parcial que transborda por todos os lados”. Assim, a cartografia tem uma linguagem investigativa peculiar e flexível, que busca os diferentes elementos para captar deles, não suas formas, mas o material, a essência para fazê-los. Podemos dizer ainda que “a cartografia se torna a própria expressão do percurso: mapas, danças, desenhos. Percurso que nunca é dado, seja por sucessões estáticas, por fases pré-fixadas ou por palavras de ordem” (OLIVEIRA e PARAISO, 2012, p. 165), ou seja, é um constante movimento de idas e vindas para a constituição cartográfica.

Assim, na investigação aqui proposta, partimos de um mapeamento, que deu base à cartografia, que foi realizado entre os meses de março e julho de 2019. Para esse mapeamento, listamos os rappers que sabíamos possuir canais na plataforma de vídeos Youtube. Lendo as fichas técnicas das músicas e os comentários publicados pelos internautas, identificamos outros agentes musicais e a existência de canais alimentados por grupos (identificados no mundo do Rap como bancas), produtoras de vídeo e de batalhas, selos musicais e blogs especializados em divulgar a produção do Rap roraimense.

Navegando nestes espaços virtuais, obtivemos novos dados sobre a cena, o que nos ajudou a aumentar a lista. Também conversamos com rappers de Boa Vista e de Rorainópolis, cidade da região sul de Roraima, apresentando-lhes a lista para que, caso soubessem, acrescentassem outros nomes. A outra fonte de informação foi um grupo no aplicativo de conversas WhastApp. Criado para

encaminhar decisões relativas à gravação ao vivo de um DVD de Rap, serviu para coletar nomes e esclarecer dúvidas sobre o movimento da cena musical.

Relacionamos também os rappers que, apesar de não terem músicas disponíveis em nenhuma plataforma, participaram em algum momento das batalhas de Rap promovidas em 2018 e no primeiro semestre de 2019 (os encontramos graças aos vídeos de divulgação destas disputas musicais) e disponibilizadas nos canais de Youtube. Destacamos as batalhas realizadas nesse período sendo: Batalha da Orla – RR/Boa Vista; Batalha Dela's/Boa Vista; Batalha do Miniterminal/Boa Vista; Batalha da Pista/Rorainópolis; Batalha do Extremo/Rorainópolis; Batalha da Caverna/Rorainópolis.

A nossa lógica inclusiva passou a ser esta: não é pela falta de músicas gravadas que o rapper deveria ser excluído da cena. Afinal, há diversos fatores, entre eles, a questão financeira e a falta de conhecimento dos caminhos a serem seguidos para organizar sua carreira, que podem impossibilitar alguém de produzir, gravar e divulgar seu material.

A intenção não foi apresentar os 100% exatos do número de participantes da cena Rap, mas sim expor um panorama desta cena específica (e quem sabe também ajudar no desenvolvimento de outras pesquisas, com outras temáticas e focos), a fim de cartografarmos, com base nestes dados, a produção artística do Rap em Roraima.

Criamos, a partir da listagem dos rappers, as seguintes categorias para trabalharmos: 1. Rappers homens; 2. Rappers mulheres; 3. DJs, Produtoras musicais, Produtoras de vídeos e Blogs; 4. Grupos, Bancas e Coletivos; e 5. Batalhas de Rap em Roraima. Estas categorias foram elencadas a partir de uma construção que pode ser considerada misógina por separar homens e mulheres em categorias distintas. Cabe destacar, em vias disso, que não foi evidenciado nenhuma referência a rappers héteros, embora não tenha sido este o objeto da investigação. Enfim, pressentimos que inúmeras críticas podem ser feitas à construção desta organização.

Destacamos que o material da investigação<sup>4</sup> resultou em um compilado bastante fluído, como já prevíamos ao trabalharmos com os preceitos da cartografia e, principalmente, tendo em vista o objeto cartografado: a produção artística do Rap em Roraima. Assim, a fluidez desse material vincula-se ao aglutinarmos na mesma categoria DJs, produtoras musicais e de vídeos, além de blogs, mas também ao separarmos as atuações de X ou de Y que poderiam estar em outra categoria. Enfim, sabemos que os encaminhamentos foram tomados, embora com possíveis críticas, no sentido de dar visibilidade à cena do Rap em Roraima. Encaminhamentos estes que poderiam ter sido outros, mas que foram se construindo nas intempéries da pesquisa.

Desta forma, diante das nossas escolhas, apresentamos algumas breves justificativas: A) Sobre o total de listados: a cultura é dinâmica e quem a promove pode estar tão preocupado em fazer que esquece de registrar e divulgar adequadamente o seu fazer, ficando menos visível do que aqueles que têm noção da importância de publicizar suas ações. B) Sobre as categorias demasiadamente aglutinantes: de algum ponto era preciso partir, mas sempre pensando em não criar muitas subdivisões que poderiam gerar mais confusão do que clareza. Por isso, optamos por criar categorias do tipo guarda-chuvas, que abrigassem em si grupos com elementos semelhantes na atuação. C) Sobre ignorar a polivalência de atuação: há nomes no cenário do Rap Roraima que atuam em diversas frentes artísticas e técnicas: compõem, cantam, fazem seus próprios beats. Há também aqueles que, além de tudo ou parte do dito acima, gravam e mixam. Ou seja, são multifuncionais. Para ser fiel a esta multifuncionalidade, seria necessário criar inúmeras categorias, repetindo nomes a todo momento e, provavelmente, omitindo em algum momento as funções do agente X ou Y na cena.

Com essas sinalizações, destacamos que o ofício de cartografar é justamente trabalhar nas entrelinhas, é uma mistura de “afectos e perceptos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997), onde tanto os “perceptos”, os caminhos da escrita

---

<sup>4</sup> O material da investigação integrou o capítulo final da dissertação intitulada *Narrativas urbanas boavistenses: a construção identitária na produção artística do rapper MC Frank D’Cristo*. O trabalho está disponível para consulta online no repositório do Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Roraima ([www.ufr.br/ppgl](http://www.ufr.br/ppgl)).

“são independentes daqueles que as experimentam” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 213), assim como os sentimentos, “afectos” “transbordam aqueles, são atravessados por eles” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 213). O desenrolar do material desenvolvido nesta investigação apresentou-se constantemente imerso e interligado à poética, à musicalidade e à performatividade da produção e da escrita artística.

### **Sobre a cena do Rap em Roraima**

Ao trazermos um pouco do nosso processo, destacamos que a criação desta escrita “[...] é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento. Ora, essa gênese implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas” (DELEUZE, 1998, p. 56) e é certamente diante dessas palavras de Deleuze que trazemos alguns apontamentos cartográficos que inquietam, violentam e nos causam indagações acerca da constituição da cena do Rap.

Assim, um primeiro dado esperado, embora inquietante, é que o mundo do Rap roraimense é predominantemente masculino. Dos noventa nomes listados como rappers, oitenta e quatro são do sexo masculino e apenas seis do sexo feminino. Estes dados nos mostram uma conjuntura ainda bastante masculina da cena. Uma conjuntura em certa medida ainda preconceituosa com a inserção da mulher na cena. Contudo, apesar desses desafios, as mulheres buscam organizar-se e criar seus espaços dentro da cena. Um deles é o da Batalha Dela’s, evento (não regular, destaque-se) criado justamente durante o período em que estávamos fazendo a pesquisa na cidade de Boa Vista/RR, no ano de 2019.

Ainda durante a elaboração deste material, dois rappers pediram para terem suas participações na cena apenas na categoria “Grupos/Bancas/Coletivos”, retirando seus nomes da categoria “Rappers Homens”. A justificativa é que eles seriam do “grupo X” e “grupo Y”. Apesar de valorizar este senso comunitário, destacando com orgulho o trabalho que desenvolvem em coletivo acima da ação individual, decidimos manter a lista como estava sendo criada para permitir uma

melhor e mais ampla visualização de quem faz o Rap no estado. Na outra ponta, destacamos que não conseguimos identificar o nome de todos os integrantes de cada grupo, banca ou coletivo. Entretanto, minimizamos o impacto disto nos resultados, visto que a dinâmica de grupos em qualquer segmento da sociedade é justamente a possibilidade de seus integrantes conseguirem sair e entrar/voltar a qualquer momento.

Em um ato de pesquisa e subjetivação, retomamos a Deleuze (1998) quando ele nos diz que o ato de pensar é a única criação verdadeira. E, diante disso, Maurício; Manguiera (2011, p. 298) nos alertam que

O aprendizado é sempre particular e involuntário, por isso ele é a única criação real. Aqui não existe uma identidade a ser buscada de forma voluntária por um pensamento que tem por função principal a reconhecimento. Por meio de sua violência, os signos arruinam o modelo da reconhecimento contido no pensamento. Ao ato de pensar só resta a criação: esta se constitui agora como sina.

Assim, no ato de cartografar, diante da criação das estratégias mobilizadas pelo pensar, evidenciamos que a capital do estado concentra a maior parte da população roraimense e é o principal foco de divulgação de manifestações culturais: a maioria dos rappers atuantes em Roraima mora em Boa Vista, sendo esta a cidade que concentra os mais importantes eventos do segmento. Gonçalves (2017, p. 70) já nos apresenta esse dado quando coloca que “os principais espaços culturais ficam localizados na parte central da capital, Boa Vista, dificultando o acesso das pessoas que residem nos bairros periféricos e nos outros municípios”. Situação essa inquietante e que, diante de um estado criado recente, inviabiliza a expansão da cultura do Rap para os outros territórios. Estas considerações feitas por Gonçalves e os dados apresentados nesta investigação nos mostram as implicações da construção social do estado para a cena do Rap. Roraima é um estado criado recentemente, sofreu e sofre de um processo de desenvolvimento calcado na migração desencadeada pelo garimpo e pela criação de gado. Fatores esses que impulsionam uma construção social, política e cultural que não pressupõe a alteridade, a construção de um cenário múltiplo.

Isso, no entanto, não impediu o surgimento de uma cena em Rorainópolis, o segundo município mais populoso de Roraima, com agentes do Rap organizando batalhas (no período investigado foram 2 batalhas realizadas em Rorainópolis), gravando músicas e produzindo vídeos para divulgar o seu material, mesmo sem apoio ou financiamento, em um movimento bastante individual ou de coletivos, o Rap vem crescendo com os movimentos que promovem na região Sul do Estado.

Ainda, apesar dessas situações, vemos que a cena cresce pouco a pouco com a integração de rappers migrantes e recentemente com a inserção das rappers mulheres que passam a integrar a cena e a mobilizar estratégias integradas aos “Grupos/Bancas/Coletivos” já existentes, intensificando as relações de poder estabelecidas.

Fica evidente que a estrutura dos coletivos toma corpo e que o poder da juventude é marcante principalmente ao que se refere: a capacidade organizacional e de motivação; a grande visibilidade de suas ações alicerçada pelos meios de comunicação e pelas redes sociais; a expansão das políticas públicas voltadas para a juventude; as renovadas formas de participação política e compromisso político e, por último, todos esses elementos geram um interesse midiático, político e acadêmico que os colocam no centro das agendas públicas (VAMMARO, 2016).

Apesar de questões consideradas problemáticas para alguns integrantes da cena, como pouco ou nenhum espaço na mídia radiofônica ou a inexistência de lugares (bares ou clubes, por exemplo) que promovam regularmente batalhas de Rap, pouco a pouco, o movimento vai adquirindo contornos mais complexos. Um exemplo de como isso se dá é quando surge um veículo de comunicação focado em fazer a cobertura especializada de determinado segmento cultural. É o caso do blog Roraima Inc.<sup>5</sup>, que estreou em dezembro de 2018, publicando matérias e entrevistas com os integrantes da cena estadual. Editado pelo rapper de origem venezuelana Perez, o site também divulgava playlists mensais em seu canal do Youtube com os vídeos de divulgação do rap e do trap roraimense. A presença de um migrante mobilizando a cena local é um dos desafios criativos que Roraima

---

<sup>5</sup> O blog está disponível em <<https://roraimainc.wordpress.com/>>.

apresenta, ao ponto em que estrutura campos de ressignificação e inserção dos sujeitos na cena local.

O processo de amadurecimento progressivo da cena Rap faz surgir também empreendimentos como produtoras especializadas em produzir beats (termo que designa as batidas, os instrumentais, das músicas) para Rap e o subgênero Trap, trazendo maior independência de produtores de outros estados. Há também empreendimentos na área da produção visual e do marketing, o que contribui para a criação de território próprio para o Rap Roraima.

Esse panorama, embora demonstre uma crescente da cena, não significa que tudo seja perfeito no mundo do Rap Roraima. Há iniciativas que não prosperam. Um exemplo disto foi a gravação de um show ao vivo que resultaria no lançamento do “R3”, primeiro DVD de Rap no estado. As apresentações aconteceram no dia primeiro de junho de 2019 no parque Anauá, espaço público da cidade de Boa Vista, administrado pelo Governo Estadual. Além de rappers e DJs, também houve espaço para a performance de intérpretes de Funk, B-boys e participação de tatuadores. O evento deveria resultar no DVD. Entretanto, até o primeiro quadrimestre de 2020, quase um ano depois, o material não chegou a ser lançado em formato físico ou disponibilizado em plataformas digitais de vídeo. Esse é um exemplo da falta de incentivo e da captação de integrantes para a cena. Evidenciamos a falta de um olhar de valorização, não somente do apoio financeiro, mas do apoio e da adesão de sujeitos adeptos e interessados em que a cena do Rap cresça no estado de Roraima.

Apesar dos problemas evidenciados na iniciativa, o processo de preparação para o show, discutido em um grupo de Whatsapp criado exclusivamente para isto, trouxe um resultado positivo, pois facilitou o contato e a integração dos rappers que compõem a cena em Roraima.

Estudos deste tipo são trabalhos infinitos, trabalhos em andamento que nunca são concluídos, visto que a cada semana um novo nome poderá surgir e demandar sua inclusão nas categorias acima listadas e, na medida em que formos trabalhando, temos a clareza que “cada sujeito exprime o mundo de um certo ponto de vista. Mas o ponto de vista é a própria diferença, a diferença interna e absoluta

(DELEUZE, 2006, p. 40-41)” e nós, enquanto sujeitos, temos consciência que as pontuações e os dados que aqui apresentamos têm muito a ver com nossos pontos de vista. Isso fica evidente também, pois a percepção da cena muda, assim como a própria dinâmica da cena é transitória tendo em vista o trabalho dos rappers “veteranos” locais, as batalhas e shows, além da postagem dos trabalhos na internet, estimulando o aparecimento de novos participantes dispostos a formar um nome no mundo do Rap Roraima.

A cena Rap de Roraima ganha corpo a cada ano, com os rappers participando cada vez mais de eventos artísticos seja como convidados, seja como promotores. As redes sociais (Facebook e Instagram, principalmente) propiciaram a possibilidade da divulgação além da mídia tradicional (TV, rádio e jornais impressos e online). No Youtube, os artistas locais criam seus canais para divulgarem suas composições, que também são publicadas em sites de compartilhamento e streaming de músicas, como Palco MP3 e Soundcloud. Tudo isso facilita o contato com o público.

A organização da carreira assume diversas formas: em Boa Vista há desde o rapper que se apresenta e grava sozinho até os grupos e coletivos que organizam eventos gratuitos e pagos, promovendo a sustentabilidade da cena. Casas de show e bares incluem os cantores em suas programações, contribuindo para a divulgação dos trabalhos locais e para o intercâmbio musical. Os rappers também estão cada vez mais buscando integrar-se à cena nacional, gravando suas composições em parceria com músicos de outros estados, participando de seletivas de eventos como batalhas de Rap fora de Roraima e recebendo em Boa Vista representantes de outras regiões.

Assim, Roraima vive

[...] em um espaço constantemente em trânsito, e por isso, os discursos voltados para uma identidade imutável, baseadas em conceitos nativistas ou regionalistas não descrevem a realidade. O artista de Roraima, mesmo que muitas vezes inconscientemente, é local, regional, global, contemporâneo, tradicional, cosmopolita, provinciano, ou seja, o artista de Roraima é híbrido. (GONÇALVES, 2017, p. 68)

E é com essa transitoriedade fronteiriça e migratória que a cena do Rap em Roraima cresce e se consolida a cada dia, tanto no mundo físico como no digital. Além da criação musical individual e coletiva, os rappers locais se unem para pensar e fazer que o seu produto chegue aos ouvidos da comunidade. E isso se torna pertinente quando pensamos que a “musicalidade não está no indivíduo, não depende de sua habilidade, mas se encontra sim na comunidade e seus gêneros musicais, que estão em permanente trânsito e transformação” (PIEDADE, 2011, p. 103). E, no contexto da cena do Rap em Roraima, a construção da musicalidade é um elemento extremamente fértil, sendo mobilizado pelas mais distintas identidades migrantes e locais que vão criando estratégias de divulgação e disseminação de seu trabalho artístico. É importante lembrar que este processo de divulgação tem sua representatividade nas redes sociais, plataformas como o Youtube e compartilhamento de músicas em grupos de aplicativos de mensagens.

Analisando os créditos dos vídeos, é possível perceber a articulação dos rappers com o setor audiovisual. Há desde a criação de produtoras de vídeos para a produção colaborativa como a edição autônoma do material, na qual o rapper que canta é o mesmo que edita. Estabelecendo parcerias internas e externas, a cena Rap movimenta a economia criativa roraimense, ajudando no fortalecimento deste paradigma econômico-cultural, que valoriza o capital intelectual e

[...] rompe com a economia convencional pautada na exploração predatória dos recursos naturais e da força de trabalho e a substitui, paulatinamente, por modelos diferenciados em que se sobressaem a colaboração, a produção compartilhada e a predominância do conhecimento, da expertise e da criatividade. (ARGENTA, 2013, p. 157)

Apesar de todo o cenário crescente descrito, o Rap ainda não apresenta uma consolidação em Roraima (pelo menos nas configurações do mundo fora das redes sociais e aplicativos de mensagens). Apesar de, nas redes sociais, termos dados bastante significativos, o que percebemos é que fora, nas ações físicas, nas batalhas, nos coletivos, ainda há muito para ser viabilizado em termos de estrutura de funcionamento, apoio, objetivos de trabalho e produção artística. O espaço para

o gênero nas programações das emissoras de rádio é quase inexistente nas principais emissoras de rádio FM em Boa Vista/RR, conforme levantamento feito junto às equipes de produção musical. Apesar de não tocarem, os responsáveis afirmaram estar abertos a incluir o gênero nas programações, o que pode significar novos espaços a serem ocupados no futuro.

### Considerações finais

Ao buscarmos trabalhar com a produção artística do Rap na cena de Roraima, percebemos que há uma cena tímida, mas diversa, muito por conta das especificidades locais da fronteira do norte brasileiro. Este cenário do território roraimense movimenta uma cena criativa ampla, com compositores em carreira solo ou em grupos, estúdios e caminhos alternativos de divulgação. Contudo, apesar de sua abertura para entrevistas de divulgação de eventos e outras atividades, a cena do Rap Roraima ainda não conseguiu abrir as portas da comunicação local, podendo ainda ser caracterizada como uma cena *underground*, de resistência e ocupação de espaços, que é da essência do movimento, mas que passa a ser inserida nas redes sociais como forma de viabilização e impuso. Ao tratarmos de um movimento urbano, do ambiente de rua, as estratégias midiáticas utilizadas para divulgação e disseminação da cena do Rap em Roraima são bastante pertinentes, sendo elas alicerçadas muito mais a movimentos independentes do que à mídia formal.

Temos clareza que o percurso investigativo realizado adotou estratégias subjetivas e que, em alguns momentos, foram estruturadas na interlocução da criação poética e performática dos pesquisadores. Contudo, esses malabares metodológicos fazem com que os elementos do processo de cartografar se tornem um processo de pensar, e conseqüentemente estabelecem uma criação única (DELEUZE, 1998).

Ainda destacamos que a cena do Rap em Roraima é constituída de musicalidades ímpares e múltiplas que tem pela frente o desafio da realidade: a cena sempre estará em construção, será um trabalho em andamento e, tendo em

vista que a investigação proposta balizou somente os anos de 2018 e 2019, certamente, na sequência, teremos tantos outros elementos que constituirão esta cena. Cada nova geração de artistas e produtores, influenciando-se localmente e sendo influenciados por agentes externos, será sempre responsável por esse árduo trabalho de movimentar e consolidar uma cena do Rap no Norte do Brasil.

*Recebido em 16/01/2021*

*Aceito em 09/04/2021*

## Referências

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país.** Abril 2020. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 01 maio 2020.

ARGENTA, D. Museus e economia criativa: apontamentos para perspectivas futuras. **Revista Cadernos do Ceom**. Chapecó, v. 26, n. 39, p. 149-168, dez. 2013.

BAPTAGLIN, L. A. A cultura escolar em Boa Vista/RR: um olhar para a docência em artes dos professores do Polo Arte/UFRR. In: SILVA, Ivete Souza da; MENDES, Jefferson; LUGE, Vinicius (Org.). **Políticas públicas e o ensino de arte: processos educativos em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2018. p. 161-180.

CUNHA, M. I. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. **Revista Educação Unisinos**, 12(3):182-186, setembro/dezembro, 2008.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v. 1.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. v. 4.

GONÇALVES, T. R. Culturas e identidades em Roraima: um olhar para as representações pictóricas de artistas do Curso de Artes Visuais/UFRR. **Dissertação de mestrado PPGL**, 2017.

GUATTARI, F. **O inconsciente maquínico**. Campinas: Papirus, 1988.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados sobre população de Boa Vista - Infográficos: evolução populacional e pirâmide etária**. Disponível em

<[http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/populacao.php?codmun=140010&search=rora%7Cboa-vista%7Cinphographics:-demographic-evolution-and-age-pyramid&lang=\\_ES](http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/populacao.php?codmun=140010&search=rora%7Cboa-vista%7Cinphographics:-demographic-evolution-and-age-pyramid&lang=_ES)>. Acesso em 16 set. 2016.

MAZER, D.H. **Racionalidades do consumo musical**: práticas culturais juvenis na cena rap porto-alegrense. 2017. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MAURICIO, E.; MANGUEIRA, M. Imagens do pensamento em Gilles Deleuze representação e criação. **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 23 – n. 2, p. 291-304, Maio/Ago. 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/lab25/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge\\_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/4848-19092-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/lab25/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/4848-19092-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 15 de abril de 2020.

NASCIMENTO, J. S.; SILVA, S. S.; NASCIMENTO, C. H. C. In: LEVINO, S. S. A.; LÍRIO, F. C. (Org.) **Panorama cultural de Roraima**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016. p. 210-222.

OLIVEIRA, T. R. M.; PARAISO, M. A. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3 (69), p. 159-178, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v23n3/10.pdf>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

PIEIDADE, A. Perseguindo fios da meada: pensamentos sobre hibridismo... Per Musi, Belo Horizonte, n. 23, 2011, p. 103-112.

SCHRÖDER, U. **O Rap no Brasil e na Alemanha**. Revista Observatório Itaú Cultural, São Paulo, n. 8, p. 67-72, abr./jul. 2009.

SILVA, R. H. Cartografias Urbanas: lugares, espaços e fluxos comunicativos. **IV ENECULT** - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura: Salvador-Bahia-Brasil, 2008.

VAMMARO, P. **Movimientos juveniles y revoluciones sociales en el siglo XXI**. La Habana: Ruth Casa Editorial, 2016.

XAVIER, A.S. **Do Hip hop à literatura, da literatura ao Hip hop**: vozes da resistência em Ninguém é inocente em São Paulo, de Ferréz. 2012. 62 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.